

COMPLICAÇÃO

As ondas indo, as ondas vindo—as ondas indo e vindo sem parar um momento,

As folhas nascendo e morrendo em cada 365 dias,

As horas atrás das horas por mais iguais sempre outras,

e ter de subir a encosta para a poder descer,

e ter de vencer o vento,

e ter de lutar...

Um obstáculo para cada novo passo depois de cada passo,

e as complicações, os atritos, para as coisas mais simples

até para a pronúncia duma simples vogal...

E o fim sempre longe, mais longe, eternamente longe...

Ah mas antes isso.

Ainda bem que o mar não cessa de ir e vir constantemente.

Ainda bem que tudo é infinitamente difícil.

Ainda bem que temos de escalar montanhas e que elas vão sendo cada vez mais altas.

Ainda bem que o vento nos oferece resistência

e o fim é infinito.

Ainda bem.

Antes isso.

50.000 vezes isso à igualdade eterna, seca, estéril, fútil da planície.

M Á R I O D I O N I S I O

No solar de Penha Longa

(Continuação
da página anterior)

Desta arte pensando, uma noite disse ela ao marido:

—José, eu tenho matutado na vida e cheguei a isto: da novena de filhos que o Senhor nos deu nem um só tem madrinha que se veja. Tudo uma data de pobretonas.

—E' verdade, concordou o homem.

—Temos sido uns tolos chapados.

—Isso é assim, mulher.

—Ai, quem nascera ensinado!

Ao fim de boa hora de exclamações, rodeios, lamentos, ela fê-lo senhor, enfim, de seu projecto.

O homem coçou a cabeça:

—O pior é se não tenho coragem de lhe falar!

Porque os homens se fizeram para as ocasiões, porque mais isto e mais aquilo, convenceu-o ela a dar o passo arriscado. E ao outro dia, logo que viu Florina no bosquezinho, abeirou-se-lhe.

A custo disse ao que ia—olhos pregados no chão, dedos amarfanhando o chapéu. Mas ela, mal ouvira a palavra filho pôs-se a pé, interessada. E já a andar:

—Venha, quero vê-lo.

Na semi-obscuridade do casebre não se fartou de admirar aquele dez reis de gente verme-lusco e mole, todo enrodilhado em cueiros sujos. E de regresso, sózinha, sentia em sua alma érma de afeições uma inveja medrar contra aquela mulher gasta e tão pálida e magra na enxêrga miserável.

Voltou. Para verem a Senhora os descendentes do jardineiro aguardavam-na à porta da choupana, em fila. Ela, vendo tantos, espan-

tou-se. E, em seu espirito, uma ideia surgiu, confusa.

Recolheu a casa, pensativa. E toda a tarde e toda a noite meditou. Ao outro dia levantou-se cedo. Da janela, mal viu o jardineiro a regar as flôres, em baixo, desceu, abordou-o, e sem uma tremura na voz, calmamente, disse-lhe para a esperar no bosque, junto à gruta, à meia noite. Depois subiu, e toda a manhã orou.

Quando o relógio bateu a meia noite já Florina esperava encostada a um tronco. Cismava em mil coisas distantes e vagas. De-repente, dos lados do pomar, veio um ruído seco de gravetos pisados.

—E' o José?

—Sim, minha senho...

—Não fale. Chegue-se para aqui, para a minha beira. Mais...

Não corria ponta de aragem. Nas profundezas leitosas do céu estrelas luziam. Para os campos ouvia-se a orquestração dos ralos. Uma voluptuosidade espessa enrodilhava seres e coisas.

Florina não descera mais ao bosquezinho de loureiros e carvalhos musgosos.

Certa manhã, ia mês corrido, uma alegria esplendida iluminou-lhe a face. Deus bemdito, ia ser mãe! Ser mãe!... Chorou. Lágrimas de ventura, mansas, silenciosas. Enfim, teria a sua casinha lá longe, à beira dum regato, entre árvores.

O seu filho—o seu filho!—brincaria na erva, à sua beira...

...E, quando tudo dormia, caminhou na noite, cabeça alevantada, serena e feliz...